

Nome: Gustavo Hessmann Dalaqua

E-mail: gustavodalaqua@yahoo.com.br

Instituição de Ensino: USP

Nome do Orientador: Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros

SOBRE A RELAÇÃO DA FILOSOFIA COM O PRESENTE EM J. S. MILL

Resumo: O propósito do trabalho é tentar responder as principais questões que animam nosso encontro: *qual é a relação da filosofia com a sua atualidade e a filosofia ainda tem algum papel a desempenhar em nosso tempo?* Para tanto, recorreremos ao pensamento de John Stuart Mill, autor que atribuía à filosofia um papel crucial para a transformação do presente e das pessoas que nele vivem. A relação da filosofia com o seu tempo é um tema que Mill elabora já em seus escritos de juventude, tal qual “The Spirit of the Age”, série de artigos que o autor publicou, em 1831, no semanário *Political Examiner*. No primeiro dos artigos da série, Mill explica que o “objeto adequado da investigação filosófica” é oferecer um diagnóstico do presente que desvele “qual é, realmente, o espírito de [sua] época” (CW XXII, p. 229).¹ Costuma-se exortar os historiadores a pesquisar o passado, todavia o presente “também é história, e a parte mais importante da história” (CW XXII, p. 230). É preciso, pois, uma história do presente, uma análise das causas que condicionam a época em que nos encontramos. Além de expandir nosso conhecimento filosófico, o exame crítico das causas do presente seria salutar porque nos rumaria à liberdade. É nesse sentido que o estudo filosófico da atualidade é capaz de alterar não só o presente como também as pessoas que vivem nele. A situacionalidade da vida humana é um fato incontornável: desde que nascemos, encontramos-nos submetidos a uma situação que nos ultrapassa. Família, classe social, país de origem – eis alguns exemplos de causas que, segundo Mill, limitam e moldam a vida de qualquer ser humano. Tais causas podem representar um entrave à liberdade na medida em que sua ação sobre a vida humana se mantém obscura e inacessível. Entretanto, uma vez que seu mecanismo de ação seja estudado e desvendado, essas mesmas causas podem servir de suporte à liberdade. Podemos

¹ Seguindo a prática padrão dos comentadores de Mill, usaremos a abreviação CW sempre que citarmos as edições dos *Collected Works* (por exemplo: “CW XXII, p. 229” equivalerá a “*Collected Works*, volume XXII, página 229”).

encontrar tal linha de raciocínio no livro final de *A System of Logic*, intitulado “On the Logic of the Moral Sciences”. Um dos objetivos desta obra é argumentar contra a tese de que a vida humana não pode ser livre porque inevitavelmente encontra-se subjugada a causas históricas que a ultrapassam. Ora, diz Mill, que ninguém possa escolher nascer em determinado tempo e lugar não nega a liberdade. Constatar que a individualidade humana é condicionada pelo contexto histórico-social circundante sinaliza o início, e não o fim da liberdade. Se nossa individualidade é constituída pela situação presente que nos rodeia, isso significa então que o estudo do presente pode nos levar à autoconstituição, isto é, à liberdade. O primeiro passo para tomar as rédeas de nosso destino é descobrir quais são as causas que nos moldam. Uma vez que as desocultamos, podemos tentar direcioná-las ou negociar com elas. Apropriando-se das causas que nos dominam, podemos nos transformar e agir em causa própria. De determinado, nosso caráter passa a ser, então, determinante. Como buscaremos explicar, a liberdade para Mill consiste nesse jogo de cintura que o indivíduo crítico, ciente das práticas sociais que o engendram, adquire com o presente (CW VII, p. 840). Nota-se, pois, que a relação da filosofia com o seu tempo é de suma importância para Mill. É tomando o presente como objeto de crítica que a filosofia é capaz de conquistar aquilo que Mill julga ser o atributo mais indispensável do ser humano: a liberdade. O termo “crítica” que aqui se emprega carrega, se se quiser, uma acepção kantiana: criticar o presente é expor os limites, escancarar as amarras que constroem nossos modos de pensar e de agir. Denunciar as causas que limitam nossa vida pode nos encaminhar à liberdade, porém não necessariamente. Para que seja capaz de mudar a situação presente, a crítica filosófica deve ser um exercício não só teórico como prático. Os antigos, segundo Mill, tinham ciência disto. A filosofia, para eles, consistia em uma prática de vida. Não por outro motivo, a antiguidade foi uma época fascinante e extremamente rica para a filosofia, sobre a qual Mill relata: “Os estudos do gabinete eram conjugados e vistos como preparação para as atividades da vida. Não havia *littérature des salons* [...] na Grécia antiga: a sabedoria não era algo sobre o qual se gabava, mas algo que se fazia. Foi isso que preveniu, nos dias gloriosos da Grécia, que a teoria degenerasse em refinamento vão [...]. Criados e imersos por toda a vida na ação, todas as especulações dos gregos eram com vistas a ela; todas as suas concepções de excelência tinham uma referência direta à ação” (CW I, p. 287). Para que a filosofia não redunde em mero entretenimento de eruditos, é necessário que os estudos de gabinete sejam, pois, aliados à prática. A biografia de Mill é ilustrativa a esse respeito. Ao mesmo tempo em que

usava a filosofia na esfera pública de sua época para defender posições polêmicas (tais como: o sufrágio feminino, o direito à greve e à livre manifestação política, a reforma agrária etc.), Mill sabia que, sozinha, a crítica filosófica não é capaz de transformar a realidade, devendo por isso ser conjugada à intervenção política direta. Além de advogar o sufrágio feminino em seus livros por meio de argumentos filosóficos, Mill fazia questão de defender suas posições dentro das instituições políticas (inclusive, chegou a se eleger membro do Parlamento inglês no final de sua vida). Ainda que poucos de nós disponhamos do tempo e dos recursos necessários para agir tão diretamente em nossa realidade, podemos, na medida do possível, procurar realizar nossas pesquisas filosóficas de modo a contribuir para a teoria e a prática de nosso tempo. A filosofia ainda pode, com efeito, desempenhar um papel importante na vida cotidiana. Para ilustrar esse ponto, reconstruirei, brevemente, o argumento que apresentei em um seminário sobre liberdade de expressão, realizado, este ano, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Por meio dos argumentos filosóficos contidos no segundo capítulo de *On Liberty*, sustentei, neste seminário, que o Projeto de Lei 122 não atenta contra a liberdade de expressão dos brasileiros. Esta hipótese, como se sabe, foi um dos motivos que levou nossa Câmara a não aprovar o PL 122. Na contramão desta leitura, procurei mostrar que, visto que incita a violência e provoca dano a outrem, o discurso homofóbico é passível de ter sua expressão cerceada, sem, por isso, reduzir a liberdade de expressão de nossos cidadãos. Como pretendo mostrar a partir deste exemplo, a pesquisa filosófica ainda é capaz de criar contradiscursos que põem em xeque as relações de dominação e exclusão de nossa sociedade.

Palavras-chave: história; liberdade; crítica; política; John Stuart Mill.

Referências.

MILL, John Stuart. (1963-1991). *The Collected Works of John Stuart Mill*, 33 vols. Toronto: University of Toronto Press; Londres: Routledge and Kegan Paul.